

A SOLIDÃO NA VELHICE: O OLHAR DA SÉTIMA ARTE

Vanessa Moraes Soares¹
Adriana de Oliveira Alcântara²

RESUMO

A discussão deste artigo se direciona à condição da solidão na velhice amparada ao referencial teórico da psicologia, gerontologia e do filme *Nossas Noites*. Entendemos que a solidão na velhice não é uma condição natural desta fase, havendo infinitas possibilidades de reconstruir e ressignificar a última fase da vida. Assim sendo, nos amparamos na pedagogia do cinema para falar de afetos, relações intergeracionais, preconceitos, ou seja, por meio das emoções e vivências do outro, partimos da ficção para analisar o real, recurso tão importante quanto o referencial teórico.

Palavras-chave: Solidão. Velhice. Cinema.

INTRODUÇÃO

*A solidão é fera, a solidão devora. É amiga das horas,
prima-irmã do tempo e faz nossos relógios caminharem
lentos...*

ALCEU VALENÇA

Com o apoio da referida epígrafe, partimos da compreensão do sentimento da solidão como provocador de vazio interior, que pode estar presente no ser humano nas diferentes fases da vida e tende a ser mais frequente na velhice, contudo, não compactuamos com a premissa de que deva ser uma condição natural, em função de uma dimensão etária. Fatores psicológicos e sociais interferem no seu surgimento, como a depressão, o luto, o isolamento social e o abandono. (GOLDFARB, 1998; GUIDETTI; PEREIRA, 2008; WORDEN, 1998).

¹ VMS. Pós-Graduanda do Curso de Gerontologia da Universidade de Fortaleza vanessamoraezs@hotmail.com;

² AOA .Professora orientadora do Cruso de Gerontologia Universidade de Fortaleza – UNIFOR alcantara2002@yahoo.com.br.

Como já é sabido, em nível mundial, a população de idosos é a que mais aumenta e, portanto, urge refletir sob que circunstâncias as pessoas ficam mais velhas, de maneira a acionar não só o Estado, mas a sociedade como um todo, a fim de acolher, adequadamente, um segmento que apresenta demandas bem particulares. Dentro desta perspectiva, Paschoal faz algumas afirmações e, ao mesmo tempo, questiona:

A expectativa de vida está aumentando em todo o mundo. Com isto, um número cada vez maior de indivíduos passa a sobreviver até 70, 80, 90 anos. Qual a qualidade dessa sobrevivência? Como aumentar o vigor físico, intelectual, emocional e social dessa população até os momentos que precedem a morte? A maioria dos indivíduos deseja viver cada vez mais, porém a experiência do envelhecimento (a própria e a dos outros) está trazendo angústias e decepções, pelo menos em nosso país. Como favorecer uma sobrevivência cada vez maior, com uma qualidade de vida cada vez melhor? (Paschoal, 1996a, citado por Paschoal, 2000, p. 17).

Ao observarmos as manifestações daqueles que estão envelhecendo na contemporaneidade, podemos identificar inúmeras mudanças e estas dizem respeito à história de vida daquele de cada pessoa. Tal como aponta Messy (1999, p.22): “Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior. Trata-se de uma noção de equilíbrio entre essas duas noções”.

Magalhães (1989, p.13) destaca a dimensão social:

Em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidades, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo de vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

A experiência da velhice suscita questões de ordem prática sejam: a troca de papéis na família, a aposentadoria e até mesmo abandono das atividades sociais e rotineiras, entre tantas outras. Ressaltamos ainda, que muitas vezes, são situações que causam certa angústia para aqueles que pensam sobre o referido estágio, mesmo estando em uma fase distante da velhice.

Apesar dos avanços nos estudos sobre o tema, para muitos, não raramente, a velhice é sinônimo de doença, perspectiva preocupante, haja vista que o processo de envelhecimento não é algo natural, uma condição mecânica na qual se espera que na última fase da vida, necessariamente, todas as pessoas vão se encontrar doente. Antes de tudo, é imperativo analisar o contexto sociocultural, fundamental para saber como o envelhecimento se desenvolve, isto é, não acontece de repente.

Segundo a compreensão de Mazzucco (1995, p.11), “a velhice é então definida como parte do desenvolvimento do homem. É o resultado de sucessivas passagens ocorridas no indivíduo, tanto física e psicologicamente, quanto cultural ou socialmente”.

Para a Gestalt-terapia, abordagem psicológica, conforme definição de Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014, p. 49): “Crescimento e desenvolvimento implicam trocas entre o indivíduo e seu meio, surgindo por meio dessas trocas a possibilidade de entrar em contato com o novo e com o diferente. A essas trocas damos o nome de contato”.

Andrade (2006) considera que a discussão em torno da solidão leva, inevitavelmente, a falar sobre relação. Em nossa atual realidade, a tecnologia e o estilo de vida agitado, estão afetando as relações e, por que não dizer, afastando as relações entre as pessoas? Tal quadro nos faz nos pensar que esta dinâmica reforça a solidão e distanciamento entre as pessoas mais idosas.

Pelo exposto, sendo a mídia um dos principais veículos de comunicação, é um meio de transmitir a visão que o mundo tem sobre o envelhecimento e suas representações.

Ebert (2004, p. 11) define:

Os filmes são as janelas para o mundo. Eles nos permitem desvendar outras mentes – não simplesmente pela identificação com os personagens, embora isto seja uma parte muito importante, mas por nos oferecerem a oportunidade de ver o mundo como as outras pessoas veem.

Nos mesmos termos, Alcântara (2008, p.29) disserta:

O cinema proporciona a produção de significados em que o olhar de cada um vai depender de sua história de vida, do grupo ao qual pertence, da sua visão de mundo, enfim, exerce uma potencialidade na interpretação do que somos e de como agimos face às nossas relações cotidianas.

Portanto, com base no referencial teórico aqui utilizado numa conexão com a sétima arte, temos a oportunidade de enxergar diferentes realidades. Este meio de interpretação da vida vivida possui o grande potencial para pensarmos nossas relações e experiências, isto é, através das histórias dos personagens, são suscitadas as subjetividade e emoções de cada telespectador, sendo o cinema, inegavelmente, um suporte para a construção do conhecimento e desenvolvimento do senso crítico.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma análise do filme *Nossas noites*, a fim de discutir a condição da solidão na velhice, somada ao referencial teórico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise da condição da solidão na velhice foi amparada em artigos, livros constitutivos da literatura gerontológica, da Psicologia e do filme *Nossas noites*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a direção de Ritesh Batra e baseado no livro de Kent Haruf, *Our Souls at Night*, o filme *Nossas Noites*, foi lançado em 2017. O foco é o encontro entre dois vizinhos, ambos viúvos, idosos, habitantes de uma pequena cidade do Centro-Oeste americano. Eles se conhecem há anos, mas superficialmente.

Convém transcrever a sinopse da longa-metragem:

Addie Moore (Jane Fonda) é uma viúva solitária que decide certa noite convidar o vizinho também viúvo Louis Waters (Robert Redford) para dormir em sua casa. A proposta inusitada, que tem por objetivo ajudar os dois a vencer a insônia, a princípio deixa o professor aposentado sem reação, mas conforme eles colocam o projeto em prática uma bonita relação de cumplicidade floresce³

Esta é mais uma história que pode se repetir fora de grandes produções cinematográficas, e em qualquer lugar do mundo. Quando todos repousam e param suas atividades diárias, sentem a chegada de algo: a solidão. Como diz a personagem do filme Addie, uma senhora viúva, dona de casa, com seus mais de setenta anos: “*As noites são mais difíceis*”.

O filme é extremamente delicado e traz reflexões acerca da solidão e o envelhecimento. Sendo esta uma dupla, que tem seus desafios, dores e significados, como mostram os personagens principais do enredo. Assim, expressam, em cena, as infinitas possibilidades de se aprimorarem e ressignificarem o seu momento.

³ <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240960/>

O enredo inicia quando Addie vai até a casa de Louis, algo que nunca havia feito. Eles se conheciam superficialmente e sabiam pouco um do outro. Ela faz o convite para que os dois dormissem juntos. Louis fica surpreso, mas depois de dias reflexivo, aceita a inusitada proposta.

Addie teve dois filhos e sua filha mais nova morreu em frente à sua casa decorrente de um atropelamento. Louis se separou da esposa, deixando-a com uma filha pequena para viver uma grande paixão. Nas cenas, observamos que com a troca de acolhimento entre Addie e Louis, sentimentos são aflorados, de maneira a construírem uma relação de cumplicidade e parceria.

A pequena cidade do centro-oeste americano passou a assistir o romance que, no começo, foi evitado por Louis, o qual a adentrava na casa de Addie pela porta dos fundos, preocupado com as críticas e fofocas, mas, não teve como evitar. Os olhares curiosos surgiam ao verem o novo casal pelas ruas. A cena reflete o receio da censura, quer dizer, a emblemática apreensão sobre “o que os outros vão falar”. Apesar deste assunto Alcântara (2021, p.185) argumenta:

Há uma concordância com o que lhe é imputado, mesmo tendo consciência de que não há fundamento, mas existe um sentimento de vergonha por se expor e sofrer preconceitos. Essa postura é fruto de uma cultura hierárquica, que vem desde a infância, fazendo crer que o velho não tem sexualidade, logo, é impotente. Como analisam Butler e Lewis (1985, p. 13) “O que em jovem seria chamado de sensualidade, em um velho é libertinagem”

As relações sejam de amizade ou amorosas não devem ser impedimento para os mais velhos. Estudos comprovam que manter os vínculos sociais é importante para o bem-estar, pois contribuem para uma melhor qualidade de vida. Muitos idosos possuem dificuldade para se relacionarem, especialmente no tocante às ligações amorosas, tendo em vista o estigma da sociedade ou por se sentirem inválidos, menosprezados. Entretanto, somos seres sociáveis, formados de sentimentos, de modo que não convém ter idade para isto ou aquilo, nos aprisionarmos ao “no meu tempo” ou ao “antigamente”, uma vez que enquanto há vida, projetos e desejos podem e devem ser vivenciados.

No filme, os personagens principais vivem sozinhos, cada um com suas particularidades, convivendo com a sua solidão. Addie ao fazer a referida proposta, comenta: “Nós estamos sozinhos há muito tempo e não é sobre sexo. É passar a noite”. “Deitar, conversar, até dormir”. Sexualidade, portanto, ultrapassa o ato sexual em si, é

como homens e mulheres expressam o sexo, através do olhar, gestos, a forma de se vestir, atitudes...

Para Dantas, Silva e Loures (2002), existe uma limitação acerca da atividade sexual como uma função fisiológica, pois ela vai muito, além disso. Abrange aspectos mais subjetivos da vida de cada indivíduo como o afeto, o carinho, o desejo, o companheirismo, essenciais para o bem-estar.

A sociedade, a família e até mesmo os amigos, são os primeiros a “taxarem” tal comportamento. Assim como visto no filme em diversas cenas, a relação que estava sendo construída entre o casal despertava olhares preconceituosos, de forma pejorativa. Exemplo disto é quando Louis é ofendido pelo seu grupo de amigos e Addie é questionada pela melhor amiga, que chega a rejeitá-la, quando sabe dos encontros com o vizinho, ou seja, comportamentos resultantes de um contexto cultural que enquadra homens e mulheres em função da idade. Nesta direção, é oportuna a explicação de Beauvoir (1990, p. 20), “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”.

A solidão para além da velhice, também é abordada quando do episódio da separação do filho de Addie, que leva para a casa desta, o neto Jamie. O garoto que se mostra inicialmente retraído, solitário e fixado no celular, preocupa Louis: “Me acaba ver a solidão desse garoto. Iremos comprar um cachorro”.

O menino passa a ter novos comportamentos, demonstrando maior desenvoltura até mesmo na linguagem. Momentos foram rememorados por Addie e Louis. Os dois passam a cuidar e educar a criança, desenvolvendo novos hábitos como também compartilham lembranças do passado. Addie e Louis se divertem com Jaime em diversidades atividades como acampar e realização de novos esportes, se efetivando uma troca intergeracional. Após esta convivência, o garoto retorna para a casa do pai.

Para Erikson e cols. (1986) a participação na vida dos filhos e também dos netos, juntamente com a possibilidade de ensinar, cuidar e propiciar conhecimento para as próximas gerações gera um engajamento vital do idoso. Além disso, as atividades voltadas aos afazeres domésticos, participar de eventos na comunidade são aspectos positivos para o cotidiano.

No filme, com os passar dos dias, ou melhor, das noites, as conversas ganham cada vez mais intensidade. O passado se faz presente através de desejos não realizados,

traumas vividos e sonhos esquecidos. Louis queria ser artista plástico, mas não seguiu em frente devido ao nascimento de sua filha, o que ele achava que iria impossibilitar a saída do país, como também o adoecimento de sua esposa.

Ele nutre um sentimento de culpa pelo adoecimento e falta de cuidados com a filha no início de sua infância. Addie ajuda Louis a tentar reavaliar o seu passado, de modo a deixar os ressentimentos para trás: “A gente sempre acha que pode resolver tudo. Temos coisas que não conseguimos e precisamos nos perdoar”.

As questões psicológicas na velhice podem levar a sofrimentos, remorsos, como ainda a ressignificar demandas do passado e, tudo isto somado às mudanças inerentes ao processo de envelhecimento (Knight,2004). Assim, sendo, o filme revela culpa e sentimentos reprimidos, ruminados o tempo todo.

A filha de Louis aparece no enredo, libertando o pai de suas culpas e ressentimentos que os dois carregavam. Ela lembra fatos do passado, como a montagem de um trem de brinquedo, associando o retorno do pai para a casa, logo após a separação temporária. Também fala sobre seus fracassos amorosos, espaço em que o pai também se inseria. Contudo, com a contribuição da terapia, reconstruiu novas formas para se sentir acompanhada e reelaborar seus ressentimentos e angústias.

Grun (2008) identifica que vivenciar a velhice e seu processo, tem relação ao sentido que é dado a ela. Portanto, a aceitação do envelhecer possui total relação com o que foi construído no decorrer do tempo. O autor afirma que a velhice é um momento de olhar pra si e encontrar aquilo que foi vivido, compreendido e que por vezes está oculto:

[...] Não pode obviamente fazer voltar atrás o que passou, mas é seu dever reagir diante daquilo. Pode amargurar-se pela vida que levou e está levando, mas pode também reconciliar-se com ela. Pode fixar-se naquilo que perdeu ou que não conseguiu ter, mas pode também recordar-se com gratidão daquilo que vivenciou e daquilo que recebeu (GRUN, 2008, p.12-13).

A velhice como em qualquer outra fase da vida tem suas particularidades. Dentre perdas e ganhos não convém analisar o que possui um peso maior, os aprendizados se desenrolam. Afinal, isso diz respeito à singularidade de cada indivíduo e a sua forma de enfrentamento perante aos desafios que surgem. No filme, os idosos possuem personalidades bem distintas, cada um no seu contexto, e levando consigo a “bagagem de vida”. As conquistas e as derrotas por quais atravessaram, somente quem as vivenciou poderá expressar.

Addie sofre uma queda e passa por procedimento cirúrgico. O filho desta distração Louis no hospital, rejeitando-o por não ser da família. Após os procedimentos, o filho de Addie quer que ela vá morar com ele, ao passo que ela informa com tristeza para Louis: “Diz que eu moro longe, vivo sozinha. Mas, eu disse pra ele que não me sinto sozinha”.

É interessante observar que a família tem um papel fundamental no período da velhice. Porém, apesar das boas intenções, pode ocasionar também rompimentos de desejos e frustrações. Perls (1977, p. 50) afirma que “vivemos em meio a clichês. [...] De acordo com um comportamento padronizado. Desempenhamos os mesmos papéis repetidamente”.

O idoso que não quer desagradar ou contrariar o ente familiar acaba cedendo e tentando se ajustar aos padrões que são impostos pela família, como ainda pela sociedade, favorecendo a perda de sua autonomia.

A autonomia é definida por Vieira (1996, p. 23) como “a capacidade ou direito de o indivíduo poder eleger, ele mesmo, as regras de sua conduta, a orientação de seus atos e os riscos que está disposto a correr, além da possibilidade de realizar suas atividades sem ajuda de terceiros”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005, p. 14) também define autonomia sendo “a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas regras e preferências”. Para o idoso, decidir sobre suas condutas e preferências são fundamentais, pois a sensação de pertencimento e utilidade favorece o bem estar.

Louis volta a pintar quadros logo após a mudança de Addie. Durante a noite demonstra inquietude antes de dormir. Os dois passam a se falar por telefone. Louis pergunta a Addie sobre o que ela quer conversar ao deitar. E ela responde entusiasmada: “Sobre qualquer coisa. Sobre o tempo”.

Diante das dificuldades vivenciadas, experiências descobertas e dada a oportunidade de se reinventar, o ser humano passa por inúmeras transformações e, na velhice, estas também acontecem, somos seres de mudanças do nascimento à morte. Monteiro (2002, p. 13) afirma que “Como a vida se dá pela tensão dos contrários, o processo de envelhecer, com suas metamorfoses, nos apresenta ganhos e perdas”. Tal como afirma Costa (2000, p.31) “A velhice, de modo algum, significa um final, mas, ao

contrário, este momento parece relacionar-se a uma série de (re)significações e recomeços que muitas vezes só foram possíveis nesta etapa da vida”.

O filme retratou que há solidão na vida de todos aqueles personagens e que todos carregam marcas no decorrer do tempo. Desde um garoto que está na sua infância com infinitas possibilidades de se descobrir e desbravar o que há de novo, como também o casal de idosos solitários, que se veem no “final” de sua vida. Addie e Louis encenaram e ensinaram que a solidão existiu e existirá, mas para, além disso, existem também infinitas possibilidades de se reinventar, se adaptar, e ressignificar o momento vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado se voltou à discussão da condição da solidão na velhice, sob o amparo da psicologia, gerontologia, concomitante com o filme *Nossas noites*. O intuito não foi definir de uma forma negativa o conceito de solidão, e nem afirmar que esta é uma condição natural da velhice, mas abordar como o idoso, frente a este estado poderá buscar formas de enfrentamento para se ajustar diante dela.

Considerando ser um tema bastante pertinente e atual em função das características da sociedade contemporânea, a solidão pode ser entendida como algo consequente de insatisfação e inerente ao ser humano. O filme ora analisado retrata, de maneira sensível como os idosos enfrentam os desafios de uma situação que não é peculiar de uma faixa etária, de uma forma que procuram combater o sofrimento, lembrando que é possível resistir e não só assistir a vida como ela acontece, uma vez que somos protagonistas desta história e, por isso, podemos mudar.

Por fim, tal como iniciamos, concluímos com Alceu Valença, cantor, compositor e cineasta brasileiro, detentor de uma arte genuína. A música citada se remete à solidão e o compositor a expressa em diferentes perspectivas. No verso “A solidão dos astros. A solidão da lua” revela a complexidade da solidão para com o universo, sendo algo tão grandioso. Desta forma também somos nós, seres humanos, complexos e grandiosos, em constante movimento, em busca de sermos mais diante do inacabamento que somos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Meu pai, uma lição de vida: da ficção à recontextualização da real(idade). **A terceira idade**, vol.19 n.41, p.28-35, fev. 2008.

ALCÂNTARA, A de O. Quem disse que os velhos não querem falar sobre sexualidade? Definitivamente não foram eles... In: Raimunda Silva d'Alencar, Monique Borba (Orgs.). **Velhice & Sexualidade: tramas da diversidade**. Ilhéus, BA: Editus, 2021. 179-200.

ANDRADE, C. C. (2006). **A solidão na contemporaneidade**. Revista da Abordagem Gestáltica, 12(1), 83-91.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice: uma realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Européia, Volume, 1970.

COSTA, M. A. F. (2000). **O tempo, a traça e um doce modo: sexualidade e auto-estima na mulher idosa**. Monografia apresentada como parte dos requisitos para aprovação como pós-graduada, no Curso da Residência em Psicologia Clínico Institucional do HUPE/UERJ.

DANTAS, J. M. R., Silva, E. M., & Loures, M. C. (2002). **Lazer e sexualidade no envelhecimento humano**. Estudos Goiânia, 29(5), 1395-1442.

EBERT, Roger. **A magia do cinema**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

ERIKSON, E. H., Erikson, J. M. & Kiwinick, H. Q. (1986). **Vital involvement in old age**. New York, EUA: W. W. Norton & Company Inc.

GOLDFARB, L. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRUN, A. (2008). **A sublime arte de envelhecer**. Petrópolis, RJ: Vozes.

GUIDETTI, A. A.; PEREIRA, A. S. **A importância da comunicação na socialização dos idosos**. Revista de Educação, São Paulo, n. XI, n. 11, p. 119-136, 2008.

KNIGHT, B. (2004). *Psychoterapy with Older Adults (3rd edition) (pp.1-23)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro, edição do autor, 1989.

MAZZUCCO, Geórgia Damiani. **O trabalho grupal desenvolvido com mulheres idosas e viúvas do SESC**. Trabalho de Conclusão de Curso – Serviço Social, 1995.

MESSY.J. (1999). **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph.

MONTEIRO, D. (2002). **Depressão e envelhecimento: saídas criativas**. Rio de Janeiro: Revinter.

NOSSAS noites. Direção de Ritesh Batra. *Produção original Netflix*, 2017. Disponível em: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240960/>>

PASCHOAL, S. M. P. (2000). **Qualidade de Vida do Idoso: Elaboração de um Instrumento que Privilegia sua Opinião**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

PERLS, F. (1977). **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus.

PINHEIRO, A. A. A., & Tamayo, A. (1984). **Conceituação e definição de solidão**. Revista de Psicologia, 1(2), 29-37.

PY, L., & Oliveira, J. F. P. A. (2012). **A espera do nada**. Ciência e Saúde Coletiva, 17(8), 1955-1962.

Salomão, S., Frazão, L. M., Fukumitsu, K. O. (2014). Fronteiras de contato. In Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (Org.), **Conceitos Fundamentais** (pp.47-62). São Paulo: Summus.

SANTOS, V. B., Tura, L. F. R., & Arruda, A. M. S. (2013). **As representações sociais de “pessoa velha” construídas por idosos**. Saúde & Sociedade, 22(1), 138-147.

VALENÇA, A. Solidão (1984). Título do álbum: **Mágico**. Gravadora: Barclay

VIEIRA, E. B. (1996). **Manual de gerontologia: um guia prático para profissionais, cuidadores e familiares**. Rio de Janeiro: Revinter.

World Health Organization (2005) **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde** [Manual] Tradução Gontijo, S. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.